

O seminarista Gruner e a desorientação diabólica

Neste excerto de um discurso feito por John Vennari na conferência do *Exército de Advogados de Nossa Senhora* em Boston, Massachusetts, John Vennari partilha connosco as perseguições com que o Padre Nicholas Gruner se defrontou no seu combate pela verdade, mesmo durante os seus dias como seminarista.

por John Vennari

O jovem Nicholas Gruner formou-se pela Universidade McGill em Montreal em 1964, com 22 anos, com um bacharelato em Comércio. Enquanto frequentou a universidade, sentiu uma atracção pelo sacerdócio, mas, durante um retiro, recebeu um bom conselho: “Acaba os teus estudos, consegue a tua formatura, e vai a partir daí.”

Foi o que ele fez; “foi” para fora do Canadá.

Depois da universidade, embarcou numa longa viagem solitária à Europa, começando na Grã-Bretanha. A sua família tinha raízes na Inglaterra, e ele também queria visitar Aylesford, onde Nossa Senhora do Carmo apareceu a S. Simon Stock e lhe ofereceu o Escapulário Castanho em 1215.

Foi aqui que o jovem Nick se inscreveu no Escapulário Castanho. Disse (e continuaria a dizer até ao fim dos seus dias) que descobriu que usar o Escapulário Castanho facilitava-lhe rezar o Rosário todos os dias.

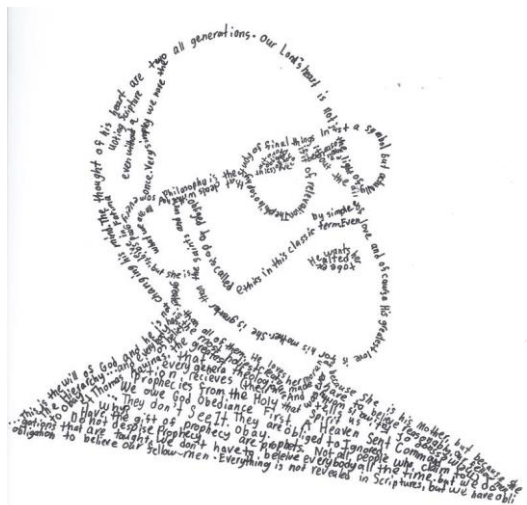
A seguir visitou a França, Lourdes, e até mesmo Garabandal. Acabou por ir a Portugal, mas não pôde ir a Fátima.

Foi durante esta estadia na Europa que um peregrino lhe deu um pequeno panfleto sobre Fátima que se centrava na necessidade da Consagração da Rússia. Foi também durante esta viagem que Nicholas determinou seguir o sacerdócio.

1966: Montreal

Em 1966 estava de volta a Montreal, onde completou um ano de Filosofia. A seguir, foi para o Grande Seminário de Montreal para o seu primeiro ano de Teologia. Notou neste seminário uma espécie de mundanidade e um ‘novo espírito’ a invadir o campus.

Estamos agora nos anos de 1966-1967, e a revolução do Vaticano II estava a aumentar. É esta a altura, entre 1965 e 1972, em que a Irmã Lúcia de Fátima, nas suas diversas cartas, avisou sobre a desorientação diabólica de membros da hierarquia superior.



Arte de Samantha Moon, de 12 anos desenhado usando palavras de um dos discursos do Padre Gruner

O Cardeal radical Suenens, da Bélgica, exclamara com júbilo que “o Vaticano II foi a Revolução Francesa da Igreja.”

Tivemos (e ainda temos) como resultado do Concílio, a ascendência do Catolicismo liberal através da Igreja. Para o fim do Concílio e imediatamente a seguir, os liberais e os maçons cantavam e cacarejavam a vitória.

Yves Marsaudon, do Rito Escocês, no seu livro *Ecumenism Viewed by a Traditional Freemason* (O ecumenismo visto por um maçom tradicional), louvou o ecumenismo embalado no Vaticano II: “Os Católicos... não devem esquecer que todos os caminhos vão até Deus. E terão de aceitar que esta corajosa ideia do livre pensamento, que podemos realmente chamar uma revolução, derramada das nossas lojas maçónicas, **espalhou-se de forma magnífica sobre a cúpula de S. Pedro.**”

Marcel Prelot, Senador da região de Doubs em França, vai muito mais longe ao descrever o que tinha acontecido: “Lutámos durante século e meio para que as nossas ideias dominassem na Igreja e não conseguimos. Finalmente, veio o Vaticano II e nós triunfámos. A partir daí, as proposições e princípios do Catolicismo liberal foram definitivamente e oficialmente aceites pela Santa Igreja.”

Revolução, destabilização, e novas tendências doutrinárias e morais que – nas palavras do Santo Ofício pré-Vaticano II – “afastam-se muito dos ensinamentos católicos, que foram transmitidos através dos tempos” estavam a ganhar terreno nos seminários e institutos católicos de educação superior.

Nesta altura, Montreal não era diferente das outras dioceses. Foi aqui que o jovem Nicholas se confrontou com um desafio à Fé que – podemos dizer – era um pouco profético.

Havia um grupo de estudantes de tendências modernistas que estavam a propor a ideia de que o divórcio católico viria a ser permitido no futuro.

Ao que parece, o jovem Nick Gruner era tão valente como o Padre Gruner que conhecemos. Fez frente a esse grupo modernista: “Isso não pode ser.”

O grupo respondeu com a asserção de que o Cardeal Garrone, o novo Prefeito do Vaticano encarregado dos seminários vaticanos, estava do lado deles.

“Não me interessa se dez Cardeais adoptarem essa posição,” respondeu Nick, “Continua a ser heresia. O divórcio para os Católicos nunca pode ser aprovado pela Igreja.”

Aqui está porque digo que esta troca de palavras era profética. Ele confrontou um desafio à verdadeira doutrina católica sobre o matrimónio mesmo no princípio da sua vida clerical; e foi esta ameaça contra a autêntica doutrina católica sobre o divórcio e o recasamento que estava a dilacerar a Igreja no fim da sua vida sacerdotal.

Na altura da sua morte, em 29 de Abril de 2015, estávamos situados entre os dois sínodos tumultuosos sobre o matrimónio e a família de 2014 e 2015.

Assim, no princípio e no fim da sua vida sacerdotal, confrontou uma traição ao ensinamento moral da Igreja sobre o matrimónio.

Mas o que aconteceu em Montreal em 1967? Pediram aos seminaristas modernistas que se fossem embora? Não, disseram ao Católico Nicholas Gruner que se fosse embora. O Reitor do Seminário disse a Nicholas que não tinha a mesma posição do que ele, e que ele devia procurar a sua vocação noutra lado.

Crise de Fé nos seminários

A crise de Fé nos seminários espalhou-se como uma chama através da Igreja como resultado directo do Vaticano II. Era um tempo de desafios para seguir para o sacerdócio, e Nick foi lançado no redemoinho borbulhento do caos pós-conciliar.

Regressou à Europa, e em 1968 encontrou-se em San Giovanni Rotondo, terra do Padre Pio. Penso que nunca falou com o famoso Capuchinho, embora haja uma fotografia de Nicholas a receber uma bênção do Padre Pio. Assistiu à Missa do santo frade e esteve ali durante os últimos seis meses da vida do Padre Pio. Menos de um mês mais tarde, em 13 de Outubro de 1968, Nicholas Gruner viu Fátima pela primeira vez.



O Padre Gruner (à esquerda) com o Padre Pio (à direita)

Embora Nicholas regressasse fisicamente a Fátima muitas vezes, podemos dizer que – mentalmente e espiritualmente – nunca mais deixou Fátima. Estava sempre com ele, sempre na vanguarda do seu pensamento e das suas preocupações. Ele disse-me mais que uma vez que, mesmo antes de ter sido ordenado, sabia que passaria o seu sacerdócio a promover a Mensagem de Fátima.

Em Outubro de 1970, encontramos Nick em Roma numa espécie de comunidade mexicana, onde estudou o seu segundo ano de Teologia. Mas devido à insistência do Superior para que os noviços trabalhassem nos pomares aos Domingos (um trabalho servil em que Nick se recusou a participar), pediram-lhe que saísse no fim do ano escolar.

Os Oblatos

Em 1971, Nicholas Gruner estava para encontrar uma fundação que promettesse.

Através de alguém que conheceu na comunidade mexicana, acabou por colaborar com meia dúzia de outros seminaristas que estavam no mesmo barco. Os principais associados que mencionou eram Ron Tangen e Les Stelter. Vieram a envolver-se na Itália com os Oblatos da Virgem Maria, e acabaram por formar um seminário em San Vittorino com a ajuda do Irmão Gino, que era Oblato.

Naquela altura, como já devia ser evidente, havia muitos jovens em busca de uma fundação desse género. Espalhou-se a notícia de que estava a ser estabelecido um seminário fiel ao que tinha sempre sido ensinado, e que se tinha afastado do redemoinho destruidor do aggiornamento conciliar. Em 1972, já tinham cerca de 50 seminaristas.

O trabalho de Nick Gruner era encontrar professores que ensinassem no seminário e que fossem tão competentes como tradicionais. Três dos que encontrou eram o Padre de Voss, o Padre Vansteenkiste, e um jesuíta brilhante chamado Padre Emmet Buckley. Isto tem um significado especial para mim, porque conheci o Padre Buckley.

Conheci o Padre Buckley por volta de 1988. Ele visitou-me onde eu vivia na altura e deu-me um curso rápido de Epistemologia Tomista, que mudou a minha vida para sempre. O Padre Buckley era um mestre em precisão, um mestre a fazer distinções claras, notavelmente bem treinado em Teologia e Filosofia Tomista, e um professor de primeira classe.

Esta era uma ligação única que eu tinha com o Padre Gruner. Fomos ambos ensinados pelo mesmo Professor – o Padre Buckley – embora o Padre Gruner o tivesse na aula, enquanto que eu era ensinado por ele em sessões individuais.

O Panfleto

Já em 1972, Nick Gruner se envolvera em publicações. Ele, Ron Tangen e outro seminarista escreveram um panfleto sobre o novo seminário.

Ron Tangen escreveu nesse panfleto: “Estou a escrever perante o Santíssimo Sacramento exposto,” e continuava a descrever a sua experiência em busca de um seminário durante quatro anos, e como todos eram maus, e como o seu sonho se tornou realidade quando entrou em San Vittorino.

Nos poucos meses seguintes, esse pequeno panfleto acabou por ser publicado em onze pequenos jornais. A brochura explicava que o seminário se baseava na regra do Venerável Padre Lanteri (1759-1830), um sacerdote italiano na região do Piemonte, no norte da Itália. Viveu durante o período tumultuoso da Revolução Francesa e do que se seguiu, e foi o fundador dos Oblatos da Virgem Maria.

“Uma das finalidades da congregação do Padre Lanteri,” explicou o Padre Gruner, “era lutar contra os erros correntes. Infelizmente, a atitude dos Oblatos modernos era, ‘**Já não lutamos contra os erros correntes.**’ O Padre Lanteri falava de S. Tomás de Aquino como a primeira escolha para professor de Teologia Dogmática e Santo Afonso de Ligório como a primeira escolha para professor de Teologia Moral.”

Na brochura, o novo seminário prometia uma vida rica de oração para quem estivesse interessado no sacerdócio: os 15 mistérios do Rosário todos os dias, uma hora perante o Santíssimo Sacramento, Missa e Comunhão, um apostolado espiritual depois da ordenação.

O Padre Gruner disse: “A brochura deu que falar. Recebemos centenas de cartas.”

Isto colocou o seminário na mira do Vaticano pós-conciliar, e o principal agente da destruição foi o Cardeal Garrone, que era nessa altura Prefeito da Congregação do Vaticano para a Educação. Uma ordem tradicional era considerada como uma ameaça para a nova orientação pós-conciliar.



(Em cima, à direita) Nicholas Gruner. À sua esquerda, Ronald Tangen

O Cardeal Garrone tinha estado ao lado dos prelados progressistas no Vaticano II – prelados como os Cardeais Liénart, Frings, Döpfner e Alfrink. O Professor Romano Amerio, autor da obra-prima chamada *Iota Unum*, demonstra que o Cardeal Garrone tinha adoptado uma maneira de pensar modernista (cf. pp. 371-373).

Como o seminário de Vittorino era um estabelecimento novo, não podia conceder formaturas aos seus estudantes. O Padre Buckley, Nick Gruner e os outros seminaristas queriam trabalhar com o Angelicum em Roma (a Pontifícia Universidade de S. Tomás – prestigiosa, mas já infectada com o novo espírito).

Nessa altura, segundo o Padre Gruner, ainda havia alguns bons professores naquela Universidade, mas havia também um número de professores modernistas, e por isso os estudantes tinham de ser cuidadosos. O plano era que os seminaristas deviam fazer os seus estudos em San Vittorino e receber os seus graus através do Angelicum.

Esta proposta foi posta a votos pelo Senado no Angelicum e foi aprovada (estamos agora em 1972).

Alguns dias mais tarde, porém, o Senado teve que reunir à porta fechada, altura em que o Decano de Filosofia disse ao Senado que o Cardeal Garrone tinha intervindo, e que o Cardeal Garrone não queria aceitar isto.

Assim o novo seminário não podia outorgar graus para os seus estudos. Os seminaristas teriam que estudar no Angelicum, e navegar entre os bons professores e os maus.

Mas nem isto durou.

Contou o Padre Gruner: “Foi comunicado de fonte segura que o Cardeal Garrone, numa reunião no Vaticano, enfureceu-se – no princípio do Outono de 1972 – por haver 50

seminaristas na escola de Vittorino e por todas as coisas que estávamos a tentar fazer. Garrone deu murros na mesa e disse: **‘Aquele sítio tem que ser fechado!’** – No princípio, os jovens seminaristas mal podiam acreditar nesta notícia, mas com o tempo provou-se que era verdadeira.”

O Vaticano enviou uma equipa de investigação para ver o que se estava a passar em San Vittorino. “Não havia nada para investigar,” comentou o Padre Gruner; “a investigação era apenas uma fachada para o que tencionavam fazer.”

O que tencionavam fazer era fechar a escola – e foi o que aconteceu. Em 1973, a escola interna foi fechada, o Padre Buckley foi removido, e todos os seminaristas tiveram que ir para o Angelicum navegar entre os bons professores e os maus.

Aqui está o tipo de episódio que se iria fazer. Estamos agora em Setembro de 1973, Nick Gruner ainda estava no noviciado dos Oblatos da Virgem Maria. O Superior Geral dos Oblatos tinha acabado de regressar de uma alocução em Roma em que o professor negava que Cristo tivesse ressuscitado fisicamente dos mortos.

O Superior Geral concordou com esta doutrina falsa e repetiu-a a Nick e a todos os padres e aos noviços.

Nick Gruner respondeu: “Isso é heresia.” O Superior Geral repetiu-a novamente, e Nick mais uma vez respondeu: “Isso é heresia.”

O Superior Geral repetiu-a uma terceira vez, e Nick afastou-se da conversa, porque o Superior estava de facto a transformar a discussão numa brincadeira de crianças.

Poucos meses depois deste encontro, pediram a Nick que deixasse os Oblatos. O Padre Gruner diria mais tarde: “Com referência a eu ter dito ‘Isto é heresia,’ o raciocínio dos dirigentes dos Oblatos era: ‘como não tens confiança nos teus superiores, não é razoável que continues connosco nesta Ordem.’”

Nick acabou por ir para o Angelicum, onde veio a receber um Bacharelato em Teologia Sacra, assim como uma Licenciatura em Teologia Sacra.

Depois de anos de luta contra obstáculos quase impossíveis, ele foi finalmente ordenado em 22 de Agosto de 1976, Festa do Imaculado Coração de Maria, pelo Bispo Pasquale Venezia de Avellino. Era agora um sacerdote a viajar e procurando ser incardinado.



Ordenação do Padre Nicholas Gruner, 22 de Agosto de 1976.

A Virgem Peregrina nacional

Em Agosto de 1977, pessoas conhecidas em Ottawa pediram-lhe para ajudar a salvar um Apostolado de Fátima centrado naquela cidade. Era chamado “Virgem Peregrina Nacional,” o nome que o apostolado canadiano do Padre Gruner mantém até hoje.

Em Junho de 1978, o Bispo Pasquale Venezia – Bispo de Avellino – concedeu oficialmente ao Padre Gruner autorização por escrito para viver e trabalhar fora da Diocese de Avellino.

Foi este o início formal da dedicação a tempo inteiro do Padre Gruner ao Apostolado de Nossa Senhora de Fátima.

Assim, se consultarem os arquivos de *The Fatima Crusader*, verificarão que a primeira edição – o número 1 – tem a data do Verão de 1978, imediatamente depois de ter recebido a autorização do Bispo de Avellino para trabalhar fora da diocese.

Começou a percorrer o Canadá com a imagem, a mesma imagem da Virgem Peregrina que aqui vêm, e passou a vida a promover incansavelmente a Mensagem de Fátima na sua totalidade.

Beneficiamos todos da sua vida de dedicação a Nossa Senhora. Estamos aqui para continuar esta obra crucial.